



GT 67. Povos indígenas e abordagens transversais: etnologia, história e arqueologia

Coordenador(es):

Vicente Cretton Pereira (UFV - Universidade Federal de Viçosa)

Spensy Kmitta Pimentel (UFSB)

Sessão 1

Debatedor/a: Rafael Fernandes Mendes Júnior (BN)

Sessão 2

Debatedor/a: Fabíola Andréa Silva (USP - Universidade de São Paulo)

O objetivo deste GT é reunir pesquisadores cujos trabalhos explorem a transversalidade entre a antropologia, história e arqueologia relacionada aos povos ameríndios, a fim de iniciar uma discussão sobre novos paradigmas analíticos possíveis em função dos avanços registrados na pesquisa nas duas últimas décadas. Por exemplo, as relações entre os diversos povos indígenas amazônicos e seus padrões da borracha no século XIX, ou entre os grupos guarani e as missões jesuíticas e franciscanas entre os séculos XVI e XIX apontam para a relevância da história para o debate sobre as transformações pelas quais passaram esses e outros grupos ameríndios. A crítica etnográfica de fontes históricas tem trazido à tona dados preciosos acerca de muitos contextos americanos, permitindo reconstruir, ainda que parcialmente, determinadas realidades sociais – bem como repensar as realidades presentes vividas por esses indígenas. Além da antropologia e da história, trabalhos recentes em arqueologia têm contribuído decisivamente para uma maior compreensão de tais realidades, seja desvelando o caráter antropogênico da floresta amazônica por exemplo, ou ainda desenvolvendo uma perspectiva antineolítica para esta região, diferenciando as trajetórias dos povos ameríndios e as dos povos do velho mundo, permitindo vislumbrar traços do que seria uma História Antiga da América.

Os Guarani e o mato (ka?aguy): buscando pistas entre arqueologia, botânica e etnologia

Autoria: Elizabeth de Paula Pissolato (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Os Guarani foram descritos na literatura como povo com grande capacidade de adaptação a diferentes ambientes e contextos de vida, o que remete ao deslocamento em tempos remotos que os levaram até a bacia Paraná-Paraguai, à sua presença contemporânea em um vasto território sulamericano, às situações ecológicas e modos de assentamento diversos por eles experimentados, incluindo, entre outros, a vida em Terras Indígenas em áreas de conservação ambiental, acampamentos na borda de rodovias, aldeias em áreas urbanas, a vida em fazendas e outros contextos. De todo modo, quando se trata da escolha e do comentário de muitos guaranis sobre lugares bons-bonitos para se viver, uma referência central é a noção de ka?aguy (mato), mesmo que a relação com ka?aguy certamente se transforme prática e simbolicamente conforme os contextos espaço-temporais em questão. O interesse deste work é buscar pistas nos estudos de arqueologia e botânica (com apoio da lingüística) para pensar aspectos relevantes da vida de grupos guarani perto do mato/floresta, focalizando relações com plantas (aqui buscando aprofundar o debate sobre ?os Guarani agricultores? à luz de estudos contemporâneos sobre a ?antidomesticação amazônica?), relações com animais, tematizando a caça, se possível em articulação com o xamanismo e suas transformações. A abordagem das práticas de plantio, da caça e outras formas de fazer a vida na relação com o mato permitirão possivelmente aprofundar ainda o tema da ?mobilidade guarani?, em sua ligação mais estreita com modos de



**Reunião Brasileira
de Antropologia**

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3

andar na floresta.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: